ANTROPOLOGIA NO INSTITUTO DO CEARÁ

F. Alves de Andrade

Se pudesse personificar uma instituição em um só homem, escolheria Thomaz Pompeu Sobrinho, de saudosa memória, entre os Presidentes que se foram do Instituto do Ceará.

A veneranda Casa de Cultura, dedicada à História, à Geografia e à Antropologia, ao completar neste mês de março noventa anos, sente transcorrer também o 10o. ano, desde quando se foi o nobre Mestre que representa a mais profunda e valiosa fonte de estudos de Antropologia do Ceará.

Se ousássemos, porém, um levantamento das atividades da mesma Instituição, encontraríamos o Mestre trabalhando documentos de paciência em todos os ramos de labor científico da velha árvore que investiga as raízes e nutre a fronde da formação cearense.

A vida de Thomaz Pompeu Sobrinho é uma curiosa trajetória do físico ao humano. Feito engenheiro na Escola de Minas em Ouro Preto, aos 22 anos inicia-se em trabalhos de sistematização e implantação das obras de irrigação no Ceará que, como ele próprio testemunhou e disse, "começaram com vistas largas e em grande estilo. . ."

Depois de observar o Ceará inteiro, que percorreu a cavalo, passo a passo, e de escrever o seu "Esboço Fisiográfico" obra ainda hoje indispensável aos estudiosos da problemática regional; depois de analisar o monumental acervo da IFOCS, e tudo o que se publicou e pesquisou até então sobre as secas do Nordeste, mergulhou no passado cearense. Examinou os seus quadrantes desde uma Proto-História a uma Pré-História que publicou versando temas difíceis e obscuros por escassas fontes e minguados instrumentos e material.

Inicialmente, pode-se definir o porte de Pompeu Sobrinho como cultor, pioneiro da Geografia Ativa, não só no Ceará, no Nordeste, mas no Brasil. É que ele em seu apostolado, foi, como geógrafo, o historiador também do atual. Viu por fora e por dentro a terra e o homem. Muniu-se de Antropologia para analisar a problemática nordestina. Fez-se indianólogo para sentir melhor a gênese das formações humanas. E não só a Geografia Ativa, mas a História Ativa e a Antropologia Ativa estão contidas na obra de Pompeu Sobrinho.

Ensinam os mestres da Geografia que ele é o resultado e o prolongamento da História. "O objetivo da Geografia Ativa é perceber as tendências e as perspectivas da evolução, medir em intensidade e em projeção espacial as relações entre as tendências do desenvolvimento e os seus antagonistas, definir e avaliar a eficácia dos freios e dos obstáculos", segundo uma lição de Pierre George. Sua missão estará em estabelecer um elo entre o passado e o futuro, com vistas à procura da continuidade histórica.

Ora, esse foi o propósito da obra de Pompeu Sobrinho, que o Ceará não pode esquecer e que à inteligência dos pesquisadores cumpro lembrar, pois há uma mensagem ainda viva à problemática do Nordeste.

Ele estudou a açudagem, os recursos naturais, a irrigação a pecuária, o algodão. Criticou os governos e as lideranças por falta de uma visão antropológica de sentido humanista.

Quem examinar a literatura mais recente no mundo oriental e ocidental verá que subsiste um fundo antropológico e uma centralização ecológica dos problemas humanos, que são universais da vida.

Eis que vai passando o economismo puro como uma visão superada. Uma nova ciência política, de conteúdo científico e filosófico vem surgindo em busca de "Humanistas". Ela cuidará do sujeito e não simplesmente da cobiça, do objeto, material e rude. Renasce a humanização da tecnologia no sentido de que ela sirva à humanidade e não ao poder escravizante de grupos monopolistas ou de nações espoliadoras dos recursos naturais e humanos da Terra.

Nos últimos dias de sua existência Pompeu esforçou-se por implantar na Universidade Federal do Ceará um grande Projeto de pesquisa sócio-cultural, publicado no Tomo 76 da Revista do Instituto do Ceará, arquivo dos sonhos e idéias da cultura cearense.

Segundo ele, a chave dos problemas do Nordeste estaria no conhecimento do homem. Mais que tecnológica, seria cultural, antropológica. Em nota prévia, clamava pela implantação de estudos que pudessem dar o conhecimento tanto quanto possível certo das condições sócio-culturais da Região.

Com este fito, convidado pelo Reitor Martins Filho, dirigiu e chegou mesmo a animar o Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará. Objetivando o ensino, preparou e fez publicar um tratado de Antropologia em dois volumes, contendo mais de 600 páginas e 135 lâminas.

Onde está o Instituto de Antropologia? Que fez dele a reforma Universitária? Onde está o tratado de Pompeu Sobrinho? Certa vez procurei o depósito de Imprensa Universitária do Ceará no intuito de conseguir dois exemplares do Manual de Antropologia de Thomaz Pompeu Sobrinho. Os livros estavam lá como mestres mudos, cobertos de poeira dos arquivos. . .

Os alunos não tomaram conhecimento dos mesmos, pois, cresce, o número de professores que não escrevem, nem publicam livros e, metidos em seus pergaminhos de doutores, julgam superados os velhos mestres que encaneceram na experiência de sua labuta. Assim, deixaram de adotar o tratado de Pompeu Sobrinho.

Tudo pode acontecer no Ceará que, na pitoresca imagem do velho João Brígido, jornalista de talento com língua solta e pena ferina, assim dizia: o Ceará é o ferreiro da maldição! E a história continua: "O tempora! O mores!" (O Povo, 25 de fevereiro de 1977).